



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI
REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 12 – Nº 26 – Julho – Dezembro 2017
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

REFLEXÕES SOBRE APRENDER E ENSINAR

Autora:

KRUG, Flavia Susana¹

¹ Mestranda em Letras na Linha de Pesquisa Leitura e Formação do Leitor - Universidade de Passo Fundo - UPF. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões - URI (2014). Secretária Escolar no Colégio Marista Nossa Senhora Medianeira de Erechim – RS. Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina, em Erechim – RS e Escola Estadual Professor Mantovani – Erechim, RS. Experiência na Área de Educação: Docência Júnior (Nível Acadêmico) em Língua Portuguesa, Literatura e Formação de Leitor. Docência em Ensino Superior. Ensino Fundamental Séries Finais e Ensino Médio - Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa. Auxiliar Administrativo (Financeiro) em Prefeitura Municipal: Administração, Finanças, Planejamento e Judiciário. *E-mail:* flaviakrug2014@gmail.com

REFLEXÕES SOBRE APRENDER E ENSINAR

RESUMO: Atualmente, nossa sociedade é considerada a sociedade da informação, oportunizando inúmeras possibilidades decorrentes da tecnologia, por ocasião do considerável avanço da ciência, bem como da inovação e dinâmica dos elementos das complexas relações do trabalho. No cenário da educação não é diferente. As oportunidades de acesso a escolarização, em virtude do crescimento das tecnologias educacionais, tem emergido e proliferado principalmente no campo do ensino superior. Em todos os sentidos, as práticas docentes precisam ser melhor entendidas, compreendidas, sistematizadas, para que se produza uma educação de qualidade, além de desempenharem seu papel na forma de socialização do conhecimento, e posterior promoção da cidadania. Nesse sentido, pensou-se em refletir acerca do significado de aprender e ensinar a partir do texto Aprender e Ensinar: significados e mediações, de autoria do Professor Dr. Óscar C. de Souza.

Palavras-Chave: Sociedade. Educação. Professor. Ensino superior.

ABSTRACT: At present, our society is considered the information society, offering numerous possibilities arising from technology, due to the considerable advance of science, as well as the innovation and dynamics of the elements of complex labor relations. In the education setting it is no different. The opportunities for access to schooling, due to the growth of educational technologies, have emerged and proliferated mainly in the field of higher education. In all senses, teaching practices need to be better understood, understood, systematized, to produce quality education, and to play their role in the socialization of knowledge and the subsequent promotion of citizenship. In this sense, we thought about reflecting on the meaning of learning and teaching from the text Learning and Teaching: meanings and mediations, authored by Teacher Dr. Óscar C. de Souza (2009).

Keywords: Society. Education. Teacher. Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente muito se aborda sobre transformações e mudanças sociais contemporâneas, em especial, no campo da educação, em relação aos professores e suas práticas docentes. A docência corresponde a trabalhar com conhecimento e saber. Saberes, que são elementos legítimos da profissão docente e, que, por sua vez, justificam o compromisso do profissional com a educação, assim como sua tarefa de transformar o conhecimento em aprendizagem significativa aos discentes. Ensinar é tarefa árdua. Exige qualificação do docente para que ele desempenhe sua função de maneira adequada e satisfatória ao longo de sua carreira.

Aprender implica em experiências e certezas de sobrevivência pelas quais o sujeito não se limitará ao pequeno espaço que possui para raciocinar e buscar direções para sua existência. Com aprendizagem, o indivíduo tem a possibilidade de reflexão e de escolhas para novos caminhos. Observa, constantemente, suas ações e busca novos saberes. Constitui diferentes entendimentos e, o que já foi adquirido, partilha com os demais.

O sujeito, além do conhecimento biológico, é agraciado com patrimônio cultural que, ao ser partilhado, propõe troca de vivência ao mesmo tempo que recebe novas. Ressalta-se, aqui, que nossa herança biológica, nossa cultura pessoal, científica e artística (pessoal ou social) não são estáticas. Exige-se mais do que tem-se, nos instigam a buscar sempre mais, o melhor e o novo.

Nossa bagagem pessoal se direciona para a aquisição de saberes e o que ao longo da vida alcança-se de novo, corresponderá às nossas transformações sociais. Por certo, novas tipologias da aprendizagem surgirão. Acerca deste pensamento e do saber de cada um, apropriamo-nos dos saberes do outro, do conhecimento adquirido do outro, passando a entender parte da função do ser humano num determinado grupo social.

Com relação à prática pedagógica não é diferente. Tarefa operosa deve ser encarada de forma contínua. No espaço de aprendizagem escolar por meio da prática do docente, somos remetidos à ponderação em relação ao mundo dinâmico repleto de descobertas, compartilhamentos, percepções, posições divergentes e atitudes contraditórias que nos exigirão necessidade de entendimento acerca da profissão da docência.

2 A ESCOLA E O DOCENTE

Nas últimas décadas, aumentaram, consideravelmente, em importância, os estudos e as pesquisas sobre as escolas eficazes, assim como a efetividade do professor. A exigência de uma mão de obra docente, necessariamente de melhor qualidade é claramente e cada vez mais um assunto de Estado que, sem dimensões, ultrapassa fronteiras nacionais.

Nesse sentido, em relação aos quadros referenciais de competência, hoje, também, estão no cerne das políticas de profissionalização da mão de obra, estão compostos com diferentes epistemologias da prática, além das diferentes concepções da aprendizagem e do ensino, sejam do tipo aplicacionista ou socioconstrutivista. Tais referenciais contribuem, sumariamente, para construir padrões de desempenho possíveis de serem mensurados em avaliação do desempenho dos docentes em exercício. O importante não é optar por uma dessas orientações, mas de colocá-las em tensão, tentando conciliar eficácia com reflexividade, ação e resultado.

Compreende-se por desenvolvimento profissional dos docentes, o processo individual e coletivo que se concretiza nos processos de atuação do professor: na escola, na sala de aula. Ela, instituição de ensino, contribui para o encaminhamento e desenvolvimento de ações

educacionais, a partir do profissional do magistério de acordo com suas competências, experiências, comportamento, caráter formal ou informal.

2.1 Docente em desenvolvimento constante

Ao longo dos anos, entender o significado do desenvolvimento profissional modificou-se consideravelmente. Tal mudança foi motivada por ocasião da evolução no processo de compreensão mediante o aprender e o ensinar. Desde então, integram-se no desenvolvimento profissional, variadas oportunidades e experiências elaboradas sistematicamente que visam promover o crescimento e aperfeiçoamento do docente.

De acordo com Sousa (2005, p. 42) “a escola é instituição e espaço privilegiado onde a aprendizagem e a apropriação acontecem”. Pode-se entender, então, o desenvolvimento profissional dos professores, a forma de procura pela identidade profissional, a maneira que se posicionam perante suas funções no cenário educacional, como a construção do eu profissional, que se aprimora ao evoluiu durante o longo exercício da docência.

De acordo com Souza (2005, p. 35):

Aprender e ensinar constituem duas atividades muito próximas da experiência de qualquer ser humano: aprendemos quando partilhamos com o outro ou em grupo nossas experiências e saberes que vamos acumulando. Ao longo da nossa vida, temos praticado frequentemente este ofício de aprender a ensinar, não deixa de se revestir de alguma complexidade, pelo que tem merecido, ao longo da história, a atenção reflexiva de pensadores de todas as áreas do saber.

Quando referência à área educacional, conceitos como ensinar e aprender, tornam-se fundamentais para o docente. Ao longo do tempo, sofreram modificações e alterações que colocam em evidência paradigmas. Com isso, fomos obrigados a repensar a distinção destes paradigmas por ocasião dos seus significados, cobrando-nos constante reflexão sobre a prática docente.

Ocorre, portanto, a necessidade indispensável do profissional docente, refletir sobre o porquê, o motivo e para quê as atividades educativas nos espaços do saber, juntamente com alunos e colegas, buscam por reflexões intersubjetivas acerca do processo da necessidade de se *aprender para ensinar* na contemporaneidade. Aprender, de maneira eficaz, não é uma questão de atitudes ou motivações perfeitas. Trata-se da forma como se relacionam profissionais, ambiente e a função docente em sala de aula que influenciarão no resultado de objetivos maiores (SOUSA, 2005).

Ao examinar-se determinadas dificuldades, a maioria dos profissionais permanecem na defensiva do reconhecimento, atribuindo a culpa a outrem. Esta forma de raciocínio defensível, implica no atrapalho do profissional docente na execução de ações para examinar de maneira crítica, o modo como contribui para o agravamento das consequências dos problemas e dificuldades que omitiu em resolver.

2.2 O desenvolvimento profissional do docente

De maneira geral, o profissional define aprendizado como a solução de problemas, depositando na identificação e correção das dificuldades, erros do ambiente externo, enquanto que o correto deveria ser olhar para si, refletir criticamente sobre o seu comportamento profissional, suas práticas e forma de planejamento e atuação.

Para Sousa (2005, p. 43) “aprender é associar; ensinar é programar”. Aprender, profissionalmente, vai além de adquirir informações. Implica em adaptarmo-nos às mudanças com o intuito de modificar as atividades do ensino-aprendizagem, alterando, principalmente, nossas atitudes docentes, a fim de melhorar os resultados escolares e o rendimento dos estudantes.

Contudo Alves (1994, grifos do autor):

O homem do futuro precisa ser rápido na identificação de novos relacionamentos, crítico nos seus julgamentos, isto é, cada indivíduo precisa ter habilidades e competência para aumentar sua capacidade de adaptação às mudanças contínuas. Além de compreender o passado e o presente, o homem necessita antever o futuro e antecipar mudanças, através de pressuposições, precisa saber definir, debater, sistematizar e atuar. E educação escolar não pode esquecer essas competências uma vez que cada vez mais a educação se dá não apenas na escola, mas também na família, na comunidade, com profissionais e ao longo de toda a vida, não de maneira isolada e solitária, mas através das relações com outros estudiosos, com outros cidadãos, com outras pessoas. Se a postura se modifica, se não ignorarmos a forma de aprendizagem perceptivo-motora e a integrarmos à simbólica-reconstrutiva, poderemos **incluir** novo saber e novo "sentir". Assim, a construção dos conhecimentos sobre Arte, sobre os Meios de Comunicação, sobre Informática, promoverá a internalização de conceitos, hábitos e atitudes e permitirá a criação e a expressão artística, mediadas pelos meios de comunicação e/ou pela Informática. Há uma necessidade de a educação escolar retomar objetivos como a descentralização da posse dos saberes e sua difusão e a interpenetração da escola com a comunidade. Atitudes positivas em relação às formas de aprendizagem precisam a ser consideradas e integrar o perceptivo-motor ao simbólico reconstrutivo, que não só permite a absorção de conteúdos disciplinares num sistema fechado, como também estimula a *"formação para o método e para o conhecimento, desenvolvendo habilidades e capacidades, fornecendo elementos-chave e instrumentos, e não soluções e digestões de corpus predefinidos e preparados de materiais"*.

Preocupar-se com as necessidades individuais, profissionais e organizativas é o mais sensato dos procedimentos além de consistir, também, no desenvolvimento profissional do docente, as experiências de aprendizagem, aquelas que beneficiam direta ou indiretamente os indivíduos, grupos ou escolas preocupados com a melhoria da qualidade da educação em seu ambiente escolar (SOUSA, 2005).

Neste processo, professores a sós ou acompanhados, reveem, renovam, planejam e desenvolvem o compromisso assumido com a mudança, reforçando os propósitos morais do ensino educacional a fim de desenvolver, adquirir e renovar competências e conhecimentos essenciais ao profissionalismo, planificação e prática docente.

Segundo Cunha (1989, p. 35):

Há que se reconhecer o professor como sujeito de um fazer e um saber. O professor como sujeito da prática pedagógica, que centraliza a elaboração crítica (ou a-crítica) do saber na escola, que mediatiza a relação do aluno com o sistema social, que executa um trabalho prático permeado por significações — ainda que concretizado numa rotina fragmentada. Sujeito de um fazer docente que precisa ser respeitado em sua experiência e inteligência, em suas angústias e em seus questionamentos, e compreendido em seus estereótipos e preconceitos. Sujeito que deve ser reconhecido como desempenhando papel central em qualquer tentativa viável de revitalizar a escola (pública), pois se é sujeito, é capaz de transformar a realidade em que vive.

Construir profissionalismo na área docente é o mesmo que definir a si próprio é reconhecer-se autônomo do seu ofício em sala de aula. É necessário evoluir ao longo da carreira para influenciar na educação escolar de maneira modificada, reiterando dessa forma seu compromisso pessoal e sua disponibilidade para aprender e ensinar. É preciso considerar a identidade docente, elemento capaz de a partir da sua realidade profissional, evoluir e desenvolver-se individual e coletivamente.

Ao mencionar identidade não se trata de algo que se possua em especial, mas que se desenvolve ao longo da vida profissional. Não se trata de atributo, mas sim de elemento possível para reflexão e aprimoramento, intersubjetivo, de maneira evolutiva, que permite, ainda, o sujeito, interpretar a si e aos outros dentro de um determinado contexto.

3 O ENSINAR, O APRENDER, A APRENDIZAGEM

Promove-se a educação nos mais variados ambientes sociais e culturais.

Ensinar é ação direcionada que resgata o passado e promove o futuro a partir de uma historicidade própria. Desde o nascimento, relações recíprocas, contínuas e intransferíveis passam a fazer parte da vida do ser humano, em meio a natureza, cultura, crença, sociedade. A partir daí o sujeito adquire gradativamente competências e habilidades a fim de tornar-se autônomo e crescente perante a sociedade, evoluindo, aprimorando-se, modificando-se (CUNHA, 1989).

Aprender corresponde ao processo de transformação e modificação de comportamento do sujeito por meio das experiências e vivências que ele constrói ao longo de sua existência. Neste cenário, o coautor deste trajeto é o professor, mediador do conhecimento e responsável por construí-lo, conduzi-lo e reconstruí-lo.

Para Cunha (1989):

Espera-se dos indivíduos, desde pequeno, mostre autonomia e autoria, que são pré-requisitos para o seu bom engajamento na sociedade contemporânea. Postura crítica, iniciativa, capacidade de análise, competências e habilidades são necessárias a uma adaptação mais eficaz em um mundo de contínuas mudanças. Para algumas crianças, esse entorno que tanto lhe exige desde pequenas apresenta-se agressivo de tal forma que as amedronta, interferindo no seu desenvolvimento.

Constituir a educação por meio da construção dos sujeitos diante da aprendizagem no atual contexto escolar social é prevalecer a ressignificação destes sujeitos, em virtude de novos métodos, coreografias, maneiras de comunicação, assim como a construção de habilidades responsáveis por caracterizarem competências e atitudes de real significado (CUNHA, 1989).

Para ocorrer aprendizagem deverá haver participação, mediação e interatividade com o intuito de remodelação do atual desempenho de professores e alunos, na intenção de desarticular incertezas e com relação a quais caminhos seguir para efetivá-la. Do contrário, ensinar corresponde a tornar o sujeito consciente de si, dos deveres que possui com a sociedade, bem como seus direitos e responsabilidade de qualquer espécie.

Consoante Alves (1994, grifos do autor):

Muitas escolas permanecem como que impermeáveis às mudanças que afetam tanto a sociedade estruturalmente quanto as atividades de produção e de trabalho. As novas gerações frequentam uma escola semelhante aquela que nossos avós frequentaram. Na Europa, na América do Norte, na Austrália, ou na América do Sul, em particular no Brasil, as discussões centram-se, em geral, no tipo de currículo, na quantidade de períodos ou horas dos cursos, e deixam de lado esses objetivos. A escola moderna tal como se apresenta é um sistema integrado, coerente e efetivo para a realidade que a gerou, e na qual a tecnologia de comunicação por excelência era o texto impresso. Assim, a educação escolar tem se baseado na transmissão e na difusão do conhecimento através da linguagem escrita. A ênfase é dada à aprendizagem simbólica-reconstrutiva, que "*utiliza a linguagem escrita de forma substancialmente autoritária e autosuficiente*" dessa forma o pensamento linear fundamental para a clareza e distinção de conceitos vê-se ameaçada a ser deixada de lado diante de novas formas de interação humana baseadas no som, na imagem e na palavra falada. A educação escolar se dá conta muito lentamente que há uma espécie de volta à oralidade e um culto à imagem. Essa oralidade é aquela mediada pelo vídeo, na qual o interlocutor está do outro lado e não pode ser sentido nem tocado, através de uma imagem sintética, plana que se alterna e envolve emocionalmente. Não tem memória, é fluida e transitória.

Ensinar também corresponde à ação de proporcionar ao sujeito a capacidade de pensar em si, em seus relacionamentos coletivos a fim perceber que é impossível nutrir-se individualmente. Para Cunha (1989, grifos do autor):

O ser humano é susceptível e absorve as influências do meio onde está inserido. Nessa troca, acontece então o aprender. Quando nos referimos ao aprender, subentende-se que exista algo ou alguém que aprende — *o aprendente* — e algo ou alguém que ensina — *o ensinante*.

Rubem Alves (1994, p. 23) ressaltou que “ensinar trata-se do exercício de transmissão do conhecimento”. Ensinar, corresponde, também, em mostrar que inter-relações, parcerias e ajuda mútua, são elementos fundamentais que oportunizam crescimento pessoal e coletivo. Ensinar, desperta nos sujeitos o comprometimento interpessoal e a consciência das ações com reflexos pessoais capazes de atingir a si e as seus. Ao ensinar, questiona-se, partilha-se, cria-se.

Ensinar requer a execução de tarefas que estimulem a capacidade e a inteligência do sujeito. Quando ensina-se, proporciona-se liberdade ao sujeito, elemento relevante para o conhecimento. É inoportuno ao professor negligenciar o aprender e o ensinar, pois são elementos que coabitam o universo da aprendizagem. Ensinar, não corresponde a tão só repassar conteúdos, mas sim comportar-se como o propiciador de caminhos para entendê-los, assim como bem exemplificou Freire:

O educador tem uma opção democrática, com autocrítica e procura diminuir a distância entre o discurso e a prática, ele vive uma difícil, mas possível e prazerosa experiência de falar AOS educandos e COM eles. O orientador sensível instiga, preserva a autonomia e a liberdade responsável e propicia, assim, o diferencial no processo, isto é, a alegria da descoberta e a autoria do próprio conhecimento, trazendo as garantias para o verdadeiro aprender (FREIRE, 1996, p. 27).

Descobrir o conhecimento mediante os ensinamentos do professor, é a certeza para o docente que partilhou, orientou, ensinou e informou de maneira eficaz. Nesse sentido, “a arte de ensinar se torna intencional, apresenta contornos de complexidade pelos contextos que marcam a relação, pelas motivações dos intervenientes, pelos conteúdos propostos, pelos códigos utilizados” (SOUSA, 2005, p. 36).

De acordo com Freire (1986):

Por muitos anos, a Educação estruturava-se colocando o professor como centralizador do conhecimento e o aluno como uma tabula rasa que deveria ser preenchida com informações que seriam transmitidas pelos docentes. Mas para termos a educação como fonte transformadora do ser humano e da sociedade é preciso que o professor se coloque como mediador e em contínuo processo de formação, e essa não é uma tarefa fácil. Para ver coisas novas é necessário renovar o olhar e desprender-se das antigas ideias. O professor é uma pessoa em construção, portador de um nó formativo central e contínuo, sincronizado com o seu tempo. Ser professor hoje implica assumir uma profissão que está em constante processo de redefinição e ressignificação.

É preciso atualizar o ensino e sua maneira de repasse, por ocasião de tantas mudanças, a fim de que inúmeras demandas atuais sejam atendidas. A realidade do professor é um sistema vivo complexo, presente nas aulas e é nesse contexto de incerteza que os professores da escola de hoje devem trabalhar tentando responder positivamente àquilo que a atualidade, incessantemente, exige.

Desta forma, somente a experiência profissional docente passa a não ser suficiente. O professor, por sua vez, está em constante processo de ensino e de aprendizagem também. Está aprendendo sobre e com seus alunos, sobre novas descobertas, diferentes técnicas, didáticas, postura profissional, adquirindo novos conhecimentos, se atualizando. Deste modo, o professor reavalia o método e começa a ensinar estimulando seus discentes a serem pensadores e não somente repetidores de informação.

Para Freire (1996):

A curiosidade, ou impulso exploratório, é um imperativo fundamental do comportamento humano. O ato de ensinar e aprender é de pura criatividade. E é com esse diálogo e trocas que o educador contagia seus alunos e é contagiado, aprendendo novos padrões e percepções. É uma aproximação por meio da afetividade. O modo fundamental de crescimento é se permitir vivenciar a habilidade de aprender, registrar e responder flexivelmente e afetivamente às exigências da vida.

O professor é quem oportuniza tais caminhos que conduzirão o aluno ao conhecimento. É o professor quem transmite as coordenadas e os sinais necessários para que o sujeito faça uso do conhecimento e o transforme de forma subjetiva. Vontade e desejo são destaques neste processo, pois se utilizados adequadamente, tornar-se-ão instrumentos para a construção de saberes que levarão ao alcance de grandes objetivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação para o exercício do ensino superior pode ser vista como um campo em que há muito por se fazer em termos de pesquisas, posteriormente nas práticas. Não há receita mágica, método perfeito ou maneira eficaz de se fazer as coisas acontecerem. Se existissem estas possibilidades, o período vivenciado nas graduações seria suficiente para se moldar profissionais perfeitos eximindo-os de aprimoramento.

No entanto, ser um bom professor requer longo processo. Ao iniciar suas carreiras, os professores se apresentam vazios, precisando de lapidação constante, haja vista terem apenas o conhecimento básico a espera de conteúdo e prática.

Pensar a maneira de ensinar e aprender defronte o acelerado futuro que se torna o presente, diariamente, é manter a rapidez na identificação de novos relacionamentos (re) aprendendo a ser crítico nos seus julgamentos. É preciso que propicie-se habilidades e competências aos sujeitos para que aumentem a capacidade de adaptação frente às mudanças contínuas da sociedade, sem nos esquecer de que nós, os docentes, também precisa-se aprimorar nossas habilidades e qualificar nossas competências.

É preciso que se compreenda o passado e o presente para antever o futuro. É crucial antecipar mudanças importantes acerca do ensinar e aprender, definindo, debatendo, sistematizando e atuando com competência em sala de aula. Os profissionais da educação não

podem omitir tais competências, assim como compreender que o campo do desenvolvimento profissional do docente é vasto, diverso, mutável.

Importa, compreender, a necessidade de aprofundamento pormenorizado aos vários e diferentes processos e conteúdos que encaminham os docentes às habilidades de aprender e ensinar. É fundamental que se compreenda a profissão docente e seu desenvolvimento, constituintes e cruciais elementos que assegurem a qualidade da aprendizagem dos discentes.

A atividade docente está imersa, diariamente, em meio a discussões teóricas intensas, porém inegavelmente necessárias. Não há receitas milagrosas para determinados paradigmas e diretrizes. No entanto, pode-se nortear nossas decisões acerca de orientações sobre conteúdo, competência pedagógica e habilidades profissionais a fim de legitimar nossa função educacional e social.

Por mais que se tenha consenso sobre a relevância da aprendizagem dos discentes e não acerca do ensino oferecido para o professor, a prática encontra-se em processo de estabelecimento. A prática docente direciona as atividades à responsabilidade que o profissional detém em um determinado grupo social, independente da instância institucional que se veicular, e ainda, substancialmente, com sua própria sociedade humana.

Ensinar é um processo que envolve indivíduos num diálogo constante, propiciando recursos temporais, materiais e informacionais para que se desenvolva a auto-aprendizagem e a aprendizagem com os outros ou a partir de outros. Não é apenas transmitir conhecimentos obedecendo a determinadas metodologias, cumprir os currículos de disciplinas estanques ou inter-relacionadas e "cobrir" determinados assuntos. Ensinar é fazer com que os alunos se comprometam num questionamento dialético de princípios fundamentais, desenvolvam estratégias de discussão de verdades estabelecidas.

É fazer com que analisem argumentos prós e contras buscando a validação ou a contestação de hipóteses e crenças, com que estabeleçam novas hipóteses e novas crenças fundamentadas por pesquisa e reflexões sérias. Esse comprometimento não pode se dar apenas no âmbito individual, mas também coletivo.

De fato, é incumbência do professor a obrigatoriedade em rever, suas atividades pedagógicas, bem como atentar para o processo de aprendizagem que ele media, percebendo a responsabilidade que ele carrega em permitir novos pensamentos, respostas, modelos, formas que proporcionarão ao estudante, sujeito protagonista do aprender, desempenhar seu papel na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. A. **A alegria de ensinar**. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora Ltda., 1994.

CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, Papirus, 1989.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUSA, Ó. C. de. **Aprender e ensinar: significados e mediações**. In: TEODORO, António; VASCONCELOS, Maria Lucia (orgs.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. 2 ed. São Paulo: Cortez/Mackenzie, 2005.